

Revista Energia & Mercados

Abril 2005

“Isso agora não faz mais sentido”

Executivo da Duke explica porque a empresa saiu do negócio de comercialização e deixou de participar dos quadros da Abraceel

A Dulce Energy e a **EI Paso** acabam de deixar a Associação Brasileira dos Agentes Comercializadores de Energia Elétrica (Abraceel). Ambas associaram a saída a um redirecionamento global de seus negócios na área de comercialização de energia, definido pelos controladores norte-americanos. Apesar de a decisão vir de fora, fica claro que a movimentação deve-se pelo menos em parte à decepção das empresas com o mercado brasileiro de comercialização, no qual não se confirmaram as fortes negociações no mercado *spot* previstas principalmente pela **EI Paso**.

"Lamentamos perder dois sócios dessa qualidade, mas compreendemos suas razões", afirma o diretor executivo da Abraceel, Maurício Corrêa. Com a saída das duas empresas, a entidade inicia 2005 com um total de 24 associadas, das quais três acabam de ingressar. São a AES Infoenergy, a Clion e a Petrobras Comercializadora.

Com o redirecionamento de suas atividades de comercialização, a trading da Dulce Energy vem transferindo todos os contratos com consumidores livres para o braço de geração da empresa. "Estamos atendendo a diretrizes corporativas mundiais (vindas da sede do grupo). Por conta dessas orientações, a Dulce não tem mais operações de *trading* e está mais focada em seu *core business*, que, no caso do Brasil, é a geração de energia", explica o diretor comercial da empresa no Brasil, Alcides Casado. "Mas esse movimento é mais administrativo do que de mercado" garante.

A movimentação deve-se a uma reestruturação global da companhia que, assim como outras colegas norte-americanas, reduziu consideravelmente sua exposição no segmento de comercialização de energia por conta da crise da Enron. O comportamento do mercado brasileiro também colaborou com a mudança, já que

o chamado mercado secundário de energia elétrica, envolvendo a movimentação de títulos e derivativos, praticamente deixou de existir. Casado lembra que a empresa, quando começou a atuar com comercialização no País, estava mais voltada para essa área. "Isso agora não faz mais sentido. Como o mercado ficou mais físico, não vale a despesa de manter essa estrutura", completa o executivo.

Um consumidor livre de energia, cliente da Dulce, confirma algumas mudanças, como a migração de seu contrato da comercializadora para a geradora. "Eles nos perguntaram se tínhamos alguma objeção à mudança. Não tínhamos. E o relacionamento continuou o mesmo", diz o executivo, do ramo de transportes. A geradora inclusive está atuando como representante dessa empresa na Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), antigo MAE. "Nosso negócio é transporte, não é energia".

Essa movimentação da Duke já era esperada pelo mercado. Desde o final do ano passado, profissionais de outras comercializadoras vêm ouvindo boatos de que a Duke estaria fechando a comercializadora e que poderia até mesmo estar tentando vender a área de geração. Uma das apostas do mercado, aliás, é de que as negociações estariam sendo feitas com a MPX, do empresário Eike Batista, que confirma o interesse. Em resposta, a Duke divulgou nota em que apenas reforça a manutenção de seus ativos e operações no País.

Em 2002, a controladora norte-americana lançou como baixa contábil (*writeoff*) alguns investimentos, inclusive no Brasil. Entre os ativos brasileiros envolvidos, estava a térmica de Pederneiras, cujas turbinas já foram vendidas.

Reestruturação da El Paso

A saída da El Paso da Abraceel deve-se principalmente à reestruturação pela qual a empresa passou mundialmente no final do ano passado. Na ocasião, a empresa prometeu reforçar, no Brasil, sua presença nos segmentos de petróleo e gás e, embora tenha negado que deixaria o setor de energia elétrica, não escondia seu descontentamento com os resultados registrados até agora nesse segmento. Daí o redirecionamento que agora se mostra mais concreto com a saída da Abraceel, que reúne os comercializadores. "A El Paso decidiu manter parcerias com

associações mais diretamente ligadas ao seu foco de negócios, como a Abdib (Associação Brasileira da Infra-estrutura e Indústrias de Base), a Abraget (Associação Brasileira de Geradoras Termelétricas), a CBIEE (Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica) e o IBP (Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás), entre outras", informou a empresa em nota, ao explicar a saída da Abraceel.

"Eles (El Paso) chegaram no Brasil com estardalhaço, inclusive com a super-mesa de operações que montaram no Rio. Mas a cada semestre foram diminuindo o número de operadores", lembra um profissional da área. "Hoje está quase que só tomando conta de operações já fechadas", acrescenta.

A mudança também não surpreende. Nos últimos anos, a empresa teve uma série de dificuldades com suas termelétricas, incluindo as negociações com a Eletrobrás com relação aos contratos de fornecimento de energia para Manaus (usinas Rio Negro e Amazonas), as pendências junto ao governo do Paraná com relação à térmica de Araucária e a perspectiva de venda da Macaé Merchant para a Petrobras.

Cemig cria comercializadora

A Cemig Trading deve iniciar suas atividades ainda este semestre. A empresa de comercialização da estatal mineira depende apenas de autorização da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE) para começar a operar. No final de março, a empresa já recebeu sinal verde da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) para ingressar no mercado.

"A nova empresa segue uma tendência natural. A Cemig já atua nas áreas de distribuição, transmissão e geração de energia", explica o superintendente de compra e venda de energia da estatal, Agostinho Cardoso, sem revelar, no entanto, como será a estratégia de atuação' da nova empresa. A Cemig é conhecida por sua atuação arrojada no ramo de compra e venda de energia, em especial após o vencimento dos contratos iniciais. Entretanto, realizou essas operações por meio de sua estrutura original.